



A Economia Brasileira

Nível de atividade

A economia brasileira, em cenário de recuperação do emprego e da renda e de ampliação do crédito e dos níveis de confiança de empresários e consumidores, registrou, em 2010, o crescimento anual mais acentuado desde 1986. O atual ciclo de expansão apresentou, no decorrer do segundo semestre do ano, ritmos de crescimento distintos da oferta e da demanda agregadas, com desdobramentos sobre o nível das importações e sobre a trajetória da inflação, em especial no segmento de serviços.

Produto Interno Bruto

O PIB cresceu 7,5% em 2010, segundo as Contas Nacionais Trimestrais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), registrando-se, no âmbito da demanda, contribuições de 10,3 p.p. do componente doméstico e de -2,8 p.p. do setor externo. Sob a ótica da oferta, ocorreram aumentos anuais no valor adicionado dos três setores da economia, atingindo 10,1% no segmento secundário, 6,5% no primário e 5,4% no de serviços.

O resultado do setor agropecuário é consistente com a expansão anual de 11,6% da safra de grãos e com os aumentos respectivos de 8,5%, 7,7% e 3,8% nos abates de bovinos, aves e suínos, em relação a igual intervalo do ano anterior. O desempenho do setor industrial refletiu, em especial, as elevações nas indústrias extrativa, 15,7%; da construção civil, 11,6%; e de transformação, 9,7%. A evolução anual do setor de serviços foi impulsionada, fundamentalmente, pelo dinamismo dos segmentos comércio, 10,7%; transporte, armazenagem e correio, 8,9%; e intermediação financeira, seguros, previdência e serviços relativos, 10,7% – os dois primeiros relacionados aos resultados dos setores industrial e agropecuário.

Considerada a ótica da demanda, os investimentos, em linha com o desempenho da construção civil e da absorção de bens de capital, cresceram 21,8% em 2010, enquanto o consumo das famílias, refletindo o crescimento da massa salarial e das operações de crédito, aumentou 7%. A contribuição negativa do setor externo traduziu as elevações anuais registradas nas importações, 36,2%, e nas exportações, 11,5%, diferencial associado ao ritmo distinto de crescimento da economia internacional e brasileira.

Quadro 1.1 – PIB a preços de mercado

Ano	A preços de 2010 (R\$ milhões)	Variação real (%)	Deflator implícito (%)	A preços correntes ^{1/} (US\$ milhões)	População (milhões)	PIB <i>per capita</i>		
						A preços de 2010 (R\$)	Variação real (%)	A preços correntes ^{1/} (US\$)
1980	1 721 711	9,2	92,1	237 772	118,6	14 521	7,0	2 005
1981	1 648 538	-4,3	100,5	258 553	121,2	13 600	-6,3	2 133
1982	1 662 221	0,8	101,0	271 252	123,9	13 417	-1,3	2 190
1983	1 613 518	-2,9	131,5	189 459	126,6	12 748	-5,0	1 497
1984	1 700 648	5,4	201,7	189 744	129,3	13 155	3,2	1 468
1985	1 834 132	7,8	248,5	211 092	132,0	13 897	5,6	1 599
1986	1 971 509	7,5	149,2	257 812	134,7	14 641	5,4	1 915
1987	2 041 103	3,5	206,2	282 357	137,3	14 869	1,6	2 057
1988	2 039 878	-0,1	628,0	305 707	139,8	14 589	-1,9	2 186
1989	2 104 338	3,2	1 304,4	415 916	142,3	14 787	1,4	2 923
1990	2 012 800	-4,3	2 737,0	469 318	146,6	13 731	-7,1	3 202
1991	2 033 532	1,0	416,7	405 679	149,1	13 639	-0,7	2 721
1992	2 022 478	-0,5	969,0	387 295	151,5	13 346	-2,2	2 556
1993	2 122 080	4,9	1 996,1	429 685	154,0	13 781	3,3	2 790
1994	2 246 283	5,9	2 240,2	543 087	156,4	14 360	4,2	3 472
1995	2 341 161	4,2	93,9	770 350	158,9	14 736	2,6	4 849
1996	2 391 508	2,2	17,1	840 268	161,3	14 824	0,6	5 209
1997	2 472 236	3,4	7,6	871 274	163,8	15 095	1,8	5 320
1998	2 473 107	0,0	4,2	843 985	166,3	14 876	-1,5	5 077
1999	2 479 388	0,3	8,5	586 777	168,8	14 692	-1,2	3 477
2000	2 586 153	4,3	6,2	644 984	171,3	15 099	2,8	3 766
2001	2 620 112	1,3	9,0	553 771	173,8	15 075	-0,2	3 186
2002	2 689 757	2,7	10,6	504 359	176,3	15 256	1,2	2 861
2003	2 720 598	1,1	13,7	553 603	178,7	15 221	-0,2	3 097
2004	2 876 007	5,7	8,0	663 782	181,1	15 880	4,3	3 665
2005	2 966 879	3,2	7,2	882 439	183,4	16 179	1,9	4 812
2006	3 084 280	4,0	6,1	1 088 767	185,6	16 621	2,7	5 867
2007	3 272 156	6,1	5,9	1 366 543	187,6	17 438	4,9	7 283
2008	3 441 081	5,2	8,3	1 650 713	189,6	18 148	-2,3	8 706
2009	3 418 896	-0,6	5,7	1 598 397	191,5	17 855	-1,6	8 348
2010	3 674 964	7,5	7,3	2 089 829	193,3	19 016	6,5	10 814

Fonte: IBGE

1/ Estimativa do Banco Central do Brasil, obtida pela divisão do PIB a preços correntes pela taxa média anual de câmbio de compra.

A análise na margem, considerados dados dessazonalizados, revela que o crescimento do PIB arrefeceu na segunda metade de 2010, quando registraram-se taxas de crescimento respectivas de 0,4% e 0,7% no terceiro e quarto trimestres do ano, ante expansões de 2,2% no trimestre encerrado em março e de 1,6% naquele finalizado em junho.

O PIB cresceu 2,2% no primeiro trimestre de 2010, em relação ao quarto trimestre do ano anterior, aumentando 9,3% em relação a igual período de 2009. A evolução

**Quadro 1.2 – PIB – Variação trimestre/trimestre imediatamente anterior
co m ajuste sazonal**

Discriminação	2010			
	I	II	III	IV
PIB a preço de mercado	2,2	1,6	0,4	0,7
Agropecuária	2,6	1,4	-1,6	-0,8
Indústria	1,7	3,6	-0,6	-0,3
Serviços	1,4	1,1	0,9	1,0

Fonte: IBGE

do PIB, na margem, se configurando no quarto aumento consecutivo do agregado, nessa base de comparação, refletiu as elevações assinaladas na agropecuária, 2,6%; na indústria, 1,7%; e no setor de serviços, 1,4%. Em relação aos componentes da demanda, ressaltou-se, no período, a continuidade do crescimento da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), 4%, enquanto o consumo das famílias aumentou 1,8% e o do governo se retraiu 0,2%. As exportações elevaram-se 3,4% e as importações, em linha com o crescimento da demanda interna, 8,1%.

O desempenho do PIB em relação ao primeiro trimestre de 2009 evidenciou a consolidação do dinamismo da demanda interna, responsável por 12,1 p.p. da taxa de crescimento registrada no período, contrastando com a contribuição de -2,9 p.p. proporcionada pelo setor externo.

Quadro 1.3 – Taxas reais de variação do PIB – Ótica do produto

Discriminação	2008 2009 2010		
	2008	2009	2010
PIB	5,2	-0,6	7,5
Setor agropecuário	6,1	-4,6	6,5
Setor industrial	4,1	-6,4	10,1
Extrativa mineral	3,5	-1,1	15,7
Transformação	3,0	-8,2	9,7
Construção	7,9	-6,3	11,6
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	4,5	-2,6	7,8
Setor serviços	4,9	2,2	5,4
Comércio	6,1	-1,8	10,7
Transporte, armazenagem e correio	7,0	-2,5	8,9
Serviços de informação	8,8	3,8	3,8
Intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relativos	12,6	7,1	10,7
Outros serviços	4,3	3,5	3,6
Atividades imobiliárias e aluguel	1,8	1,9	1,7
Administração, saúde e educação públicas	0,9	3,3	2,3

Fonte: IBGE

Considerada a ótica da demanda, o consumo das famílias, em cenário de aumentos da massa salarial real, do emprego e do crédito e de manutenção da confiança dos consumidores em patamar elevado, cresceu 8,4% no período, representando o vigésimo sexto resultado positivo nessa base de comparação. A FBCF, traduzindo a trajetória dos indicadores de confiança dos empresários e os desempenhos das indústrias da construção civil e de bens de capital, aumentou 28,4% no período, enquanto o consumo do governo cresceu 2,7%. A contribuição negativa do setor externo, consistente com o processo de fortalecimento da demanda interna e com o menor dinamismo da economia mundial, refletiu as elevações assinaladas nas exportações, 14,7%, e nas importações, 39,6%.

Em relação aos componentes da oferta, o desempenho interanual do PIB refletiu as elevações observadas nas produções dos setores industrial, 15,1%; de serviços, 6,2%; e agropecuário, 5,4%.

Quadro 1.4 – Taxas reais de variação do PIB – Ótica da despesa

Percentual			
Discriminação	2008	2009	2010
PIB	5,2	-0,6	7,5
Consumo das famílias	5,7	4,2	7,0
Consumo do governo	3,2	3,9	3,3
Formação Bruta de Capital Fixo	13,6	-10,3	21,8
Exportações	0,5	-10,2	11,5
Importações	15,4	-11,5	36,2

Fonte: IBGE

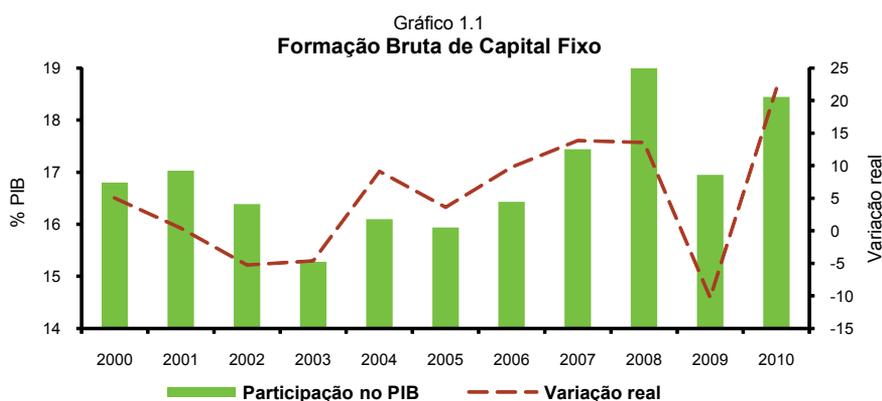
A evolução da indústria foi impulsionada pelo dinamismo das indústrias de transformação, 17,3%, e da construção civil, 15,1%, trajetória consistente com a intensificação dos recursos destinados a financiamentos imobiliários e às obras de infraestrutura no âmbito do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). A produção e distribuição de eletricidade, gás e água aumentou 8,4% no período, enquanto a atividade extrativa mineral, evidenciando o desempenho do segmento minério de ferro, cresceu 14,7%.

A agropecuária cresceu 5,4% no primeiro trimestre de 2010, em relação a igual intervalo do ano anterior, com ênfase nos resultados das safras de algodão, milho e soja.

O setor de serviços, evidenciando o fortalecimento da demanda interna, cresceu 6,2% no período, ressaltando-se as expansões relacionadas aos segmentos comércio, 15,3%, e transporte, armazenamento e correios, 12,5%, que refletem, em parte, o comportamento dos setores agropecuário e industrial. O setor serviços de intermediação financeira, seguros, previdência complementar e serviços relativos cresceu 9,6%, seguindo-se as expansões registradas nos segmentos outros serviços, 3,4%; serviços de informação, 2,9%; administração, saúde e educação públicas, 2,5%; e atividades imobiliárias e aluguel, 1,6%.

O PIB cresceu 9,2% no segundo trimestre de 2010, em relação a igual período de 2009. Sob a ótica da oferta, todos os componentes do produto registraram resultados positivos no período, enquanto, considerada a análise da demanda, o dinamismo da demanda doméstica proporcionou impacto positivo de 12,7 p.p., contrastando com a contribuição negativa de 3,5 p.p. exercida pelo setor externo.

A análise dos componentes da demanda segue explicitando a importância da demanda interna para a sustentação do processo de crescimento econômico. O consumo das famílias, favorecido pelo aumento da massa salarial real, pelas melhores condições no mercado de crédito e pela manutenção da confiança dos consumidores em patamar elevado, cresceu 6,4% no trimestre, enquanto o consumo do governo aumentou 5,6%. A FBCF, consistente com as trajetórias dos indicadores de confiança dos empresários e das indústrias da construção civil e de bens de capital, aumentou 28,1% no período.



Fonte: IBGE

Quadro 1.5 – PIB – Valor corrente, por componente

Em R\$ milhões

Discriminação	2007	2008	2009	2010
Produto Interno Bruto a preços de mercado	2 661 343	3 031 864	3 185 126	3 674 964
Ótica do produto				
Setor agropecuário	127 266	152 273	166 704	180 831
Setor industrial	636 279	719 987	696 610	841 024
Setor serviços	1 524 311	1 707 849	1 877 417	2 113 788
Ótica da despesa				
Consumo final	2 133 129	2 398 945	2 661 091	3 004 069
Consumo das famílias	1 594 068	1 786 840	1 966 493	2 226 056
Consumo da administração pública	539 061	612 105	694 598	778 013
Formação Bruta de Capital	487 761	627 158	525 816	707 414
Formação Bruta de Capital Fixo	464 137	579 531	539 757	677 863
Variação de estoques	23 624	47 627	-13 941	29 551
Exportação de bens e serviços	355 672	414 294	354 236	409 868
Importação de bens e serviços (-)	315 218	408 534	356 015	446 387

Fonte: IBGE

A contribuição do setor externo para o desempenho do PIB seguiu negativa. O impacto de -3,5 p.p., registrado no trimestre, decorreu de contribuições de 0,8 p.p. das exportações e de -4,3 p.p. das importações, que, evidenciando a continuidade da expansão da atividade econômica e o menor dinamismo da economia mundial, cresceram 7,2% e 38,9%, respectivamente, no período.

Em relação aos componentes da oferta, o desempenho trimestral do PIB refletiu as elevações observadas nas produções dos setores industrial, 14,1%; agropecuário, 10,4%; e de serviços, 6%. O crescimento da agropecuária refletiu, em grande parte, o crescimento registrado nas principais safras de grãos, em especial de milho e soja.

O desempenho da indústria traduziu, em grande parte, as expansões assinaladas na construção civil, 16,6%, resultado consistente com o aumento dos financiamentos imobiliários e com a intensificação das obras de infraestrutura no âmbito do PAC, e na indústria de transformação, 14,1%. A produção e distribuição de eletricidade, gás e água aumentou 10%, no período, enquanto a atividade extrativa mineral, evidenciando o desempenho do segmento minério de ferro e as expansões nas produções de petróleo (óleo bruto e líquidos de gás natural – LGN), 6,7%, e de gás, 7,3%, cresceu 16,6%.

O desempenho do setor de serviços, em linha com o dinamismo da demanda interna, refletiu a ocorrência de resultados setoriais favoráveis generalizados, com destaque para as contribuições exercidas pelos setores comércio e transporte, armazenagem e correio, que apresentaram expansões respectivas de 12,1% e 11,1%, no trimestre. Ressaltem-se, adicionalmente, as elevações assinaladas nos setores intermediação financeira, seguros, previdência e serviços relativos, 10,2%; e serviços de informação, 3,5%.

Na margem, o PIB cresceu 1,6% no segundo trimestre do ano, em relação ao trimestre anterior, considerando dados dessazonalizados. Esse resultado, que se constituiu no quinto crescimento consecutivo nessa base de comparação, ratifica o desempenho de indicadores setoriais antecedentes e revela a consolidação do processo de recuperação da economia brasileira. A indústria cresceu 3,6%, no trimestre, seguindo-se os setores agropecuário, 1,4%; e de serviços, 1,1%. A análise por componentes da demanda revela recuperação do consumo das famílias, que aumentou 1,1% no trimestre, enquanto os gastos do governo e a FBCF elevaram-se 1,8% e 3,9%, respectivamente. As exportações elevaram-se 1,2% no período e as importações, consistentes com o crescimento da demanda interna, 5,7%.

O PIB aumentou 6,7% no terceiro trimestre de 2010, em relação a igual período do ano anterior. Considerada a ótica da oferta, a agropecuária cresceu 7% no período, ante 10,4% no trimestre encerrado em junho, resultado associado ao desempenho modesto das safras de grãos com maior peso no terceiro trimestre, como feijão, de mandioca e de laranja. O setor industrial cresceu 8,3%, com destaque para as desacelerações nas taxas de crescimento das indústrias de transformação, de 14,1% para 7,1%, e da

construção civil, de 16,6% para 9,6%. A expansão do setor de serviços atingiu 4,9%, evolução compatível com o impacto do desempenho da agropecuária e da indústria sobre os segmentos comércio e transportes.

Pela ótica da demanda, a taxa de crescimento da FBCF atingiu 21,2% no trimestre. O consumo das famílias e o consumo do governo cresceram 5,9% e 4,1%, respectivamente, enquanto as exportações e as importações assinalaram elevações respectivas de 11,3% e 40,9%. Nesse cenário, a demanda doméstica e o setor externo exerceram contribuições de 10 p.p. e -3,3 p.p. para o crescimento do PIB no período.

O PIB cresceu 0,4% em relação ao segundo trimestre, quando havia expandido 1,6%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados. A desaceleração registrada na margem refletiu os recuos respectivos de 1,6% e 0,6% observados na agropecuária e na indústria e o aumento de 0,9% no setor de serviços, comparativamente a variações de 1,4%, 3,6% e 1,1% no trimestre encerrado em junho. O resultado negativo da agropecuária esteve vinculado, em parte, ao impacto favorável da safra de soja sobre a produção agrícola do segundo trimestre do ano, enquanto a perda de dinamismo do setor industrial evidenciou a retração da indústria de transformação. A análise por componentes da demanda doméstica revela aumentos do consumo das famílias, 1,8%, e da FBCF, 3,1%, e recuo de 0,1% do consumo do governo, enquanto, no âmbito do setor externo ocorreram elevações de 4,2% nas exportações e de 7,1% nas importações.

O PIB aumentou 5% no quarto trimestre de 2010, em relação a igual período do ano anterior. Considerada a ótica da oferta, enquanto o setor primário cresceu 1,1% no período, o setor industrial se expandiu 4,3%, com destaque para o dinamismo da indústria extrativa mineral, 14,8%, e da construção civil, 6,2%. A expansão do setor de serviços atingiu 4,6%, ressaltando-se o crescimento de 11,4% no segmento intermediação financeira, seguros, previdência e serviços relativos.

Pela ótica da demanda, a taxa de crescimento da FBCF atingiu 12,3% no trimestre. O consumo das famílias e o consumo do governo cresceram 7,5% e 1,2%, respectivamente, enquanto as exportações e as importações assinalaram elevações respectivas de 13,5% e 27,2%. Nesse cenário, a demanda doméstica e o setor externo exerceram contribuições de 6,6 p.p. e -1,5 p.p. para o crescimento do PIB no período.

O PIB aumentou 0,7% em relação ao terceiro trimestre do ano, considerados dados dessazonalizados. A desaceleração registrada na margem refletiu os recuos respectivos de 0,8 e 0,3% observados na agropecuária e na indústria e o aumento de 1% no setor de serviços. A análise por componentes da demanda doméstica revela aumentos do consumo das famílias, 2,5%, e da FBCF, 0,2%, e retração de 0,3% do consumo do governo, enquanto, no âmbito do setor externo ocorreram elevações de 3,6% nas exportações e de 3,9% nas importações.

Investimentos

Os investimentos, excluindo as variações de estoques, aumentaram 21,9% em 2010, de acordo com as Contas Nacionais Trimestrais do IBGE, ressaltando-se que a taxa de crescimento média desta variável no biênio encerrado em 2010 atingiu 4,5%, ante expansão média de 3,3% do PIB, indicando expansão da capacidade de oferta da economia no período.

A análise trimestral revela que os investimentos aumentaram 28,4% no primeiro trimestre de 2010, em relação a igual período de 2009, registrando, na margem, considerados dados dessazonalizados, elevação de 4% em relação ao quarto trimestre de 2009. Mantendo-se em trajetória de recuperação acentuada, os investimentos elevaram-se 28,1% no segundo trimestre do ano, em relação ao período correspondente de 2009, acumulando expansão de 28,2% no primeiro semestre do ano, comparativamente a igual período do ano anterior. Considerados dados dessazonalizados, os investimentos cresceram 3,9% em relação ao primeiro trimestre do ano.

Os investimentos cresceram 21,2% no terceiro trimestre, em relação ao período correspondente de 2009, e 3,1% comparativamente ao segundo trimestre do ano. Após registrarem seis resultados trimestrais expressivos e superarem, no segundo trimestre de

Quadro 1.6 – Formação Bruta de Capital (FBC)

Ano	Participação na FBC			Variação de estoques	A preços correntes	
	Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF)				FBCF/PIB	FBC/PIB
	Construção civil	Máquinas e equipamentos	Outros			
	Percentual					
1995	44,5	48,9	8,3	-1,6	18,3	18,0
1996	48,2	43,5	7,3	1,0	16,9	17,0
1997	49,5	43,1	7,0	0,3	17,4	17,4
1998	51,9	40,8	6,9	0,3	17,0	17,0
1999	50,6	37,2	7,8	4,4	15,7	16,4
2000	45,7	39,3	7,1	7,9	16,8	18,2
2001	43,9	43,3	7,3	5,5	17,0	18,0
2002	47,8	44,8	8,5	-1,2	16,4	16,2
2003	42,8	45,3	8,7	3,1	15,3	15,8
2004	41,1	45,0	7,9	6,0	16,1	17,1
2005	41,6	49,0	7,7	1,6	15,9	16,2
2006	39,6	50,6	7,8	1,9	16,4	16,8
2007	36,5	51,5	7,2	4,8	17,4	18,3
2008	33,6	52,4	6,5	7,6	19,1	20,7
2009	40,5	54,3	7,9	-2,7	16,9	16,5
2010	36,2	52,9	6,7	4,2	18,4	19,2

Fonte: IBGE

2010, o maior nível anterior à crise, os investimentos apresentaram relativa acomodação, na margem, no trimestre encerrado em dezembro, quando elevaram-se 0,7% em relação ao trimestre finalizado em setembro, considerados dados dessazonalizados.

A produção de insumos da construção civil aumentou 11,9% em 2010, ante retração de 6,3% no ano anterior, variação anual mais expressiva desde 1992 e consistente com os desempenhos favoráveis dos mercados de trabalho e de crédito, em especial habitacional, e com os impactos de programas específicos do governo no âmbito do PAC.

A indústria de bens de capital cresceu 20,8% em 2010, ante redução de 17,4% no ano anterior, com ênfase no desempenho dos segmentos construção civil, 95,8%; implementos agrícolas, 33%; equipamentos de transporte, 26,1%; e bens de capital tipicamente industrializados, 22,3%, neste registrando-se variações respectivas de 27,5% e -0,5% nas produções de bens seriados e de bens não seriados.

Os desembolsos do sistema Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Agência Especial de Financiamento Industrial (Finame) e BNDES Participações S.A. (BNDESpar) – totalizaram R\$168,4 bilhões em 2010, elevando-se 23,5% em relação ao ano anterior, quando haviam assinalado aumento anual de 50%. A análise por setores revela que a maior expansão, 47,7%, ocorreu nos desembolsos à agropecuária, que representaram 6% do total, e a maior retração, 53%, nos destinados à indústria extrativa, cuja participação atingiu 0,9%. Os desembolsos direcionados aos setores comércio e serviços e indústria de transformação, representando, na ordem, 47,2% e 45,9% do total, elevaram-se 20,5% e 28,1%, respectivamente, no ano.

Quadro 1.7 – Produção de bens de capital selecionados

Discriminação	Variação percentual		
	2008	2009	2010
Bens de capital	14,3	-17,4	20,8
Industrial	4,6	-28,1	22,3
Seriados	2,7	-31,6	27,5
Não seriados	17,4	-6,6	-0,5
Agrícolas	35,1	-28,5	33,0
Peças agrícolas	58,8	-38,4	13,9
Construção	4,8	-48,5	95,8
Energia elétrica	12,0	-32,5	-3,8
Transportes	31,3	-8,8	26,1
Misto	2,5	-14,7	13,4

Fonte: IBGE

A Taxa de Juros de Longo Prazo (TJLP), utilizada como indexador de financiamentos contratados junto ao sistema BNDES, permaneceu em 6% a.a. ao longo do ano.

Quadro 1.8 – Desembolsos do Sistema BNDES^{1/}

Em R\$ milhões

Discriminação	Variação percentual		
	2008	2009	2010
Total	90 878	136 356	168 423
Por setor			
Indústria de transformação	35 710	60 302	77 255
Comércio e serviços	46 262	65 979	79 528
Agropecuária	5 594	6 856	10 126
Indústria extrativa	3 311	3 219	1 514

Fonte: BNDES

1/ Compreende o BNDES, a Finame e o BNDESPar.

Indicadores da produção industrial

A produção física da indústria registrou expansão anual de 10,4% em 2010, segundo a Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física – Brasil (PIM-PF) do IBGE, ante variações de -7,4% no ano anterior e de 3,1% em 2008. O crescimento da indústria resultou de crescimentos de 13,4% na indústria extrativa e de 10,3% na de transformação.

A trajetória da produção industrial respeitou duas fases distintas em 2010. No primeiro trimestre do ano, seguindo a recuperação iniciada em janeiro do ano anterior, a produção do setor atingiu o nível vigente anteriormente à crise mundial, acumulando crescimento de 5,7% em relação a dezembro de 2009. A partir de abril, a produção passou a registrar trajetória decrescente, recuando 2,7% até dezembro, considerados dados dessazonalizados.

A análise segmentada revela que a produção de bens de capital aumentou 20,8% no ano, recuperando-se da retração de 17,4% experimentada em 2009, com ênfase no dinamismo das atividades veículos automotores, 53,5%, e máquinas e equipamentos,

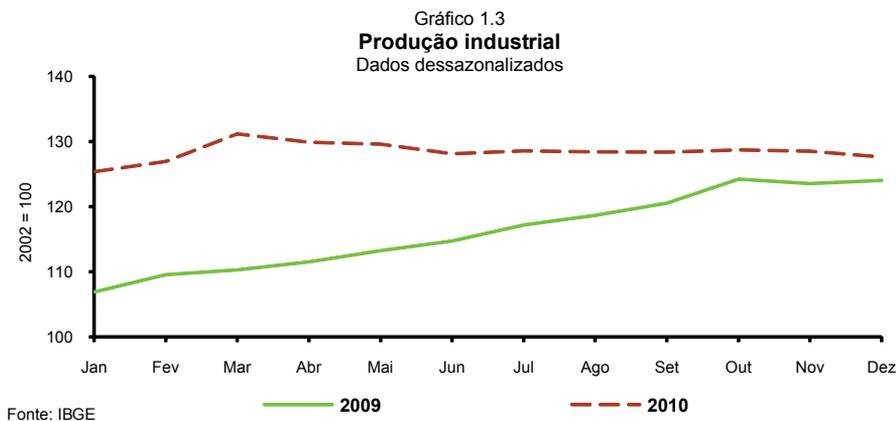
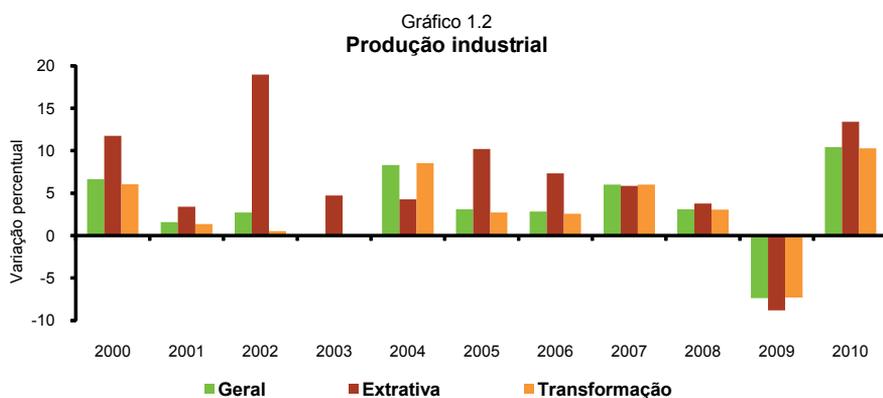
Quadro 1.9 – Produção industrial

Discriminação	Variação percentual		
	2008	2009	2010
Total	3,1	-7,4	10,4
Por categorias de uso			
Bens de capital	14,3	-17,4	20,8
Bens intermediários	1,5	-8,8	11,4
Bens de consumo	1,9	-2,7	6,4
Duráveis	3,8	-6,4	10,3
Semi e não duráveis	1,4	-1,5	5,2

Fonte: IBGE

38,9%. Nessa categoria de uso, os desempenhos negativos mais expressivos ocorreram nos segmentos material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações, 17,4%; e outros equipamentos de transporte, -4,2%.

A produção de bens intermediários cresceu 11,4% em 2010, evolução associada, em grande parte, aos aumentos nas atividades veículos automotores, 27,7%; produtos de metal, 26,3%; e metalurgia básica, 17,4%. Em oposição, o segmento refino de petróleo e produção de álcool registrou retração anual de 1,8%, único resultado negativo na categoria.

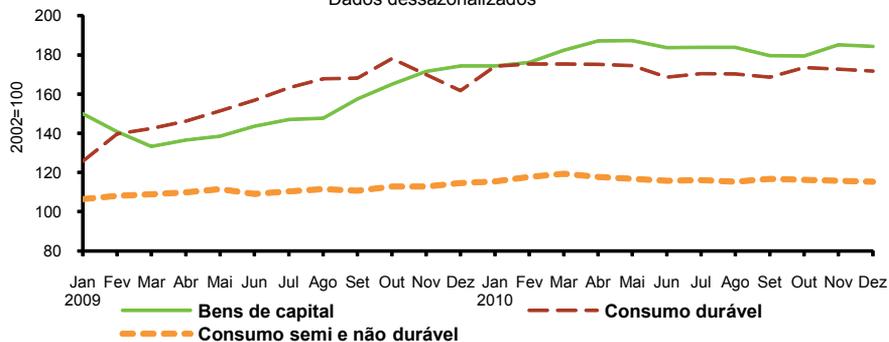


A indústria de bens de consumo duráveis aumentou 10,3% em 2010, registrando-se elevações da produção em todas as atividades, com destaque para outros equipamentos de transporte, 18,7%; mobiliário, 14,2%; e máquinas e equipamentos, 9,3%.

A produção de bens de consumo semiduráveis e não duráveis, categoria menos sensibilizada pelo impacto da crise econômica internacional, apresentou o desempenho mais modesto em 2010, aumentando 5,2% em relação ao ano anterior. Os avanços mais expressivos ocorreram nas atividades bebidas, 10,6%, vestuário, 7,2%, e couros e calçados, 6,9%, contrastando com o recuo de 1% na produção de fumo, único resultado negativo na categoria.

Dentre as 27 atividades pesquisadas pelo IBGE, incluída a indústria extrativa, 25 apresentaram resultados positivos no ano, ressaltando-se máquinas e equipamentos, 24,3%; veículos automotores, 24,2%; e produtos de metal, 23,4%. Em sentido inverso, as atividades fumo e outros equipamentos de transporte registraram recuos respectivos anuais de 8% e 0,1%. A produção de alimentos, atividade de maior peso na indústria geral, cresceu 4,4% no ano.

Gráfico 1.4
Produção industrial – Por categoria de uso
 Dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

A produção industrial registrou crescimento generalizado nas treze unidades federativas pesquisadas, destacando-se as expansões assinaladas no Espírito Santo, 22,3%; em Goiás, 17,1%; e no Amazonas, 16,3%. Em São Paulo, estado com maior participação na indústria nacional, a atividade fabril cresceu 10,1% em 2010.

O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (Nuci) da indústria atingiu 82,8% ao final de 2010, elevando-se 1,1 p.p. no ano, de acordo com estatísticas da Confederação Nacional da Indústria (CNI), dessazonalizadas pelo Banco Central. O Nuci aumentou 1,2 p.p. nos quatro primeiros meses do ano, atingindo 82,9% em abril, recuou 0,6 p.p. até setembro e voltou a registrar trajetória crescente no último trimestre de 2010.

O pessoal ocupado assalariado na indústria cresceu 3,4% em 2010, em relação ao ano anterior, registrando-se trajetória ascendente até julho e relativa estabilidade nos demais meses do ano.

A confiança dos empresários industriais, embora apresentasse trajetória descendente a partir de abril, situou-se em patamar elevado em 2010. O Índice de Confiança da Indústria (ICI), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), após atingir 116,5 pontos em março, ante o recorde de 116,9 pontos assinalado em novembro de 2007, recuou para 114,5 pontos em dezembro, patamar 1,1 ponto superior ao registrado em igual período de 2009. O componente situação atual atingiu 116,2 pontos e aquele que avalia as expectativas totalizou 112,8 pontos, representando variações respectivas de 4,3 pontos e -2,1 pontos em relação a dezembro de 2009.

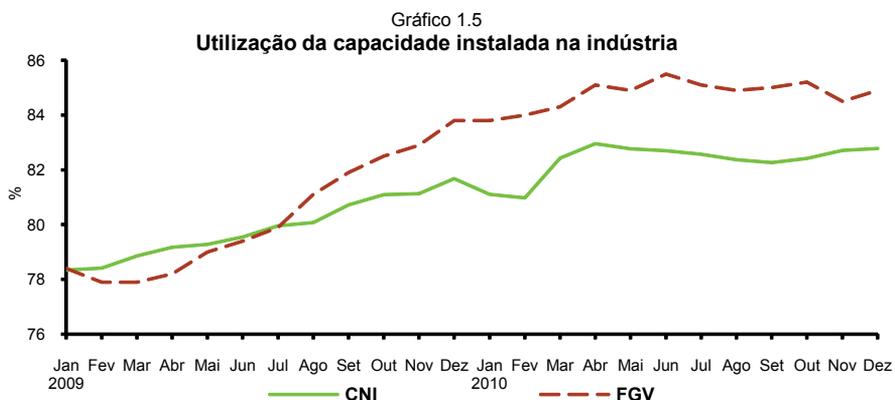
Quadro 1.10 – Utilização da capacidade instalada na indústria^{1/}

Percentual

Discriminação	2008	2009	2010
Indústria de transformação	85,2	80,2	84,8
Bens de consumo finais	84,9	82,5	85,4
Bens de capital	87,9	75,5	83,4
Materiais de construção	88,4	85,3	90,1
Bens de consumo intermediários	86,4	80,8	85,8

Fonte: FGV

1/ Média do ano.



Serviços

Em virtude da grande e crescente importância do setor de serviços no PIB brasileiro, a Fundação Getúlio Vargas, em parceria com o Banco Central do Brasil, desenvolveu a Sondagem do Setor de Serviços como forma de antecipar tendências econômicas do setor em questão. Trata-se de uma pesquisa mensal com índices calculados a partir de respostas de empresas participantes no setor sobre a situação corrente e a esperada para os próximos meses.¹

O acompanhamento da pesquisa ocorre principalmente pelo Índice de Confiança de Serviços (ICS), indicador síntese da sondagem, que é a média do Índice de Situação Atual (ISA-S) e do índice de Expectativas (IE-S). O ICS atingiu média de 132,5 pontos em 2010, ante 114,1 pontos no ano anterior, com os componentes ISA-S e IE-S se situando, na ordem, em 119,1 pontos e 146 pontos. Ressalte-se que o ICS, após crescer 6,6 pontos ao longo do ano,² atingindo 135,5 pontos em março, descreveu trajetória declinante até julho, quando retomou tendência crescente.

1/ Ver boxe “Sondagem do Setor de Serviços” no Relatório de Inflação de junho de 2010.

2/ Os indicadores dessa pesquisa não recebem tratamento para remoção da sazonalidade em virtude da pequena extensão de sua série, iniciada em junho de 2008.

Índice de atividade do Banco Central

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil (IBC-Br), indicador de periodicidade mensal, disponível a partir de janeiro de 2003, incorpora a trajetória de variáveis consideradas como *proxies* para o desempenho da economia.³ Seu cálculo incorpora a produção estimada para os três setores da economia – agropecuária, indústria e serviços. A aderência do indicador ao PIB ratifica a importância de seu acompanhamento para melhor compreensão da atividade econômica, contribuindo para a antecipação de medidas de política econômica.

O IBC-Br registrou aumento anual de 7,8% em 2010, ante recuo de 0,7% no ano anterior. Essa evolução, todavia, não se deu uniformemente ao longo do ano, o que é corroborado pela diminuição do crescimento contra igual período do ano anterior entre os meses de janeiro, 7,9%, e dezembro, 3,7%. Quanto à análise da evolução na margem, trimestre contra trimestre imediatamente anterior considerados dados dessazonalizados, houve arrefecimento entre o primeiro e o terceiro trimestre evidenciado pelas respectivas taxas de crescimento de 2,2%, 1,3% e 0,3%. No derradeiro trimestre do ano, a atividade cresceu 1,1%, mas com desaceleração ao longe de seus três meses, quando o índice se elevou 0,5%, 0,4% e 0,1%.

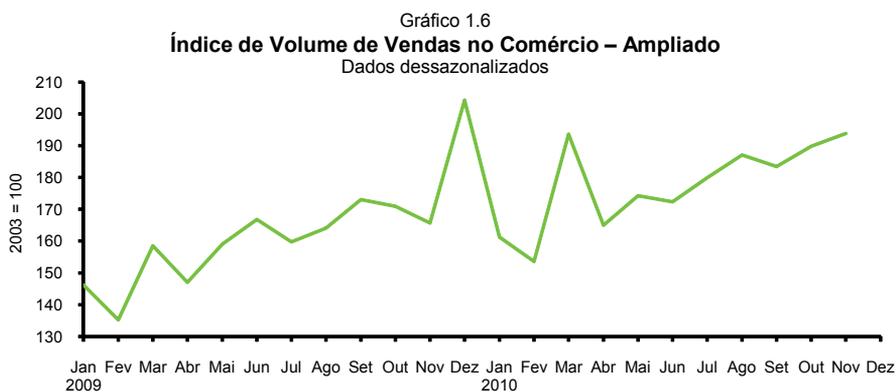
Indicadores de comércio

A atividade varejista, traduzindo o dinamismo do mercado de trabalho e das operações de crédito, seguiu em trajetória crescente em 2010. Segundo a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo IBGE, as vendas do comércio ampliado aumentaram 12,2% no ano, segunda maior taxa anual desde o início da série, em 2003, com ênfase do dinamismo dos segmentos equipamentos e material para informática e comunicação, 24,1%; móveis e eletrodomésticos, 18,3%; material de construção, 15,6%; automóveis, motocicletas, partes e peças, 14,1%; e livros, jornais, revistas e papelaria, 12%. Considerado o conceito restrito, que exclui os segmentos automobilístico e de material de construção, a expansão anual das vendas atingiu 10,9%, maior taxa desde o início da série, em 2001.

As vendas do comércio ampliado assinalaram elevação anual em todas as cinco regiões do país. A taxa mais elevada ocorreu no Centro-Oeste, 14,7%, seguindo-se as relativas às regiões Norte, 15,2%; Nordeste, 14,8%; Sul, 12,9% e Sudeste, 12,2%. Adicionalmente, ocorreram aumentos nas vendas em todas as unidades da Federação, destacando-se os registrados em Tocantins, 39,7%; em Rondônia, 27,3%; no Espírito Santo, 20,3%; em Roraima, 19,9%; em Mato Grosso, 19,3%; e na Paraíba, 19,2%. O crescimento menos acentuado ocorreu no Distrito Federal, 7,8%.

3/ Ver boxe “Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil (IBC-Br)” no Relatório de Inflação de março de 2010.

A receita nominal do comércio cresceu 14,5% em 2010, resultado de elevações de 10,9% no volume de vendas e de 3,2% nos preços. Todos os segmentos registraram aumento de receita superior à inflação anual de 5,91%, medida pelo IPCA, do IBGE, com ênfase para os relativos a material de construção, 20,6%; móveis e eletrodomésticos, 19,7%; tecidos, vestuário e calçados, 16,6%; livros, jornais, revistas e papelaria, 16,2%; e outros artigos de uso pessoal e domésticos, 16,1%.



Fonte: IBGE

O setor automobilístico mantiveram-se, em 2010, na trajetória de crescimento iniciada em 2004. As vendas nas concessionárias de automóveis e comerciais leves assinalaram aumento anual de 10,6%, de acordo com a Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve), enquanto as relativas a autoveículos nacionais no mercado interno, divulgadas pela Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), cresceram 7,1%.

As vendas reais do setor supermercadista, segmento com peso aproximado de 32% na PMC e em expansão desde 2007, registraram elevação anual de 4,2% em 2010, de acordo com a Associação Brasileira de Supermercados (Abras).

A relação entre o número de cheques devolvidos por insuficiência de fundos e o total de cheques compensados atingiu, em média, 5,6% em 2010, ante 6,5% no ano anterior. Por região, embora as maiores taxas continuassem a ocorrer no Nordeste, 8,6%, e no Norte, 8,3%, registraram recuos respectivos de 0,7 p.p. e 1,4 p.p. em relação a 2009. A inadimplência na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), medida pela Associação Comercial de São Paulo (ACSP) atingiu, em média, 5,2% em 2010, ante 6,9% no ano anterior.

Os indicadores de expectativas dos consumidores apresentaram expressivo crescimento em 2010, com ênfase no otimismo de curto prazo, atingindo os níveis mais elevados das respectivas séries históricas. O Índice Nacional de Confiança (INC), elaborado pela *Ipsos Public Affairs* para a ACSP, cresceu 15,7% no ano, atingindo 163 pontos em dezembro, maior patamar da série histórica, iniciada em abril de 2005. O aumento do

indicador ocorreu de forma generalizada nas regiões geográficas do país, atingindo 24,7% na região Sul, 23,3% no Norte/Centro-Oeste, 12,6% no Sudeste e 5,1% no Nordeste.

O Índice de Confiança do Consumidor (ICC), da FGV, cresceu 11,2% no ano, resultado de elevações de 22% no Índice da Situação Atual (ISA) e de 5,2% no Índice de Expectativas (IE). O indicador atingiu 126,2 pontos em novembro, patamar recorde da série histórica, iniciada em setembro de 2005.

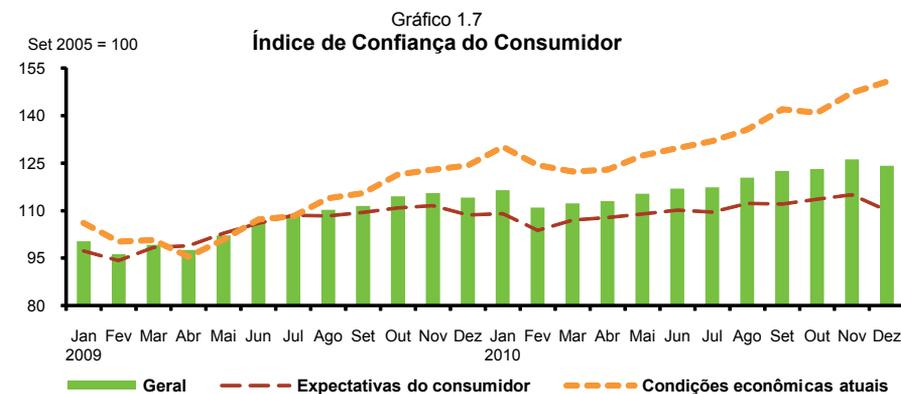
Repetindo a tendência registrada em âmbito nacional, o ICC, divulgado pela Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomercio SP), cresceu 14,2% em 2010, resultado de elevações de 19,1% no Índice de Condições Econômicas Atuais (Icea) e de 11,2% no Índice de Expectativas do Consumidor (IEC), que representa 60% do índice geral.

Indicadores de produção agropecuária

A safra de grãos, conforme o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), divulgado pelo IBGE, atingiu o recorde de 149,5 milhões de toneladas em 2010, elevando-se 11,6% em relação ao ano anterior. Esse resultado, decorrente de variações de -1,3% na área colhida e de 13,1% na produtividade média, foi impulsionado, em especial, pelas colheitas favoráveis de milho, soja e trigo, que detiveram participação conjunta de 87,3% na safra do ano. Em âmbito regional, ressaltou-se a representatividade, na produção do país, das colheitas do Paraná, 21,6%; de Mato Grosso, 19,3%; e do Rio Grande do Sul, 16,9%.

A produção de soja atingiu 68,5 milhões de toneladas, elevando-se 20,2% no ano, resultado de expansões de 12,3% na produtividade média e de 7,1% na área colhida. As exportações do grão cresceram 1,8% no ano, após elevação de 16,6% em 2009.

A safra de arroz totalizou 11,3 milhões de toneladas, ressaltando-se que o recuo anual de 10,1% refletiu as retrações observadas na área colhida, 6,3%, e na rentabilidade média,



4,1%, sensibilizadas, em especial, pelo excesso de chuvas registrado no Rio Grande do Sul. A colheita de milho atingiu 56,1 milhões de toneladas em 2010. O crescimento anual de 9,4% traduziu as variações no rendimento médio, 17,1%, e na área colhida, -6,5%, esta decorrente, em especial, do recuo de 15,2% na área cultivada na primeira safra, que refletiu o desestímulo dos produtores, em ambiente de cotações deprimidas e elevados custos de produção, e o impacto das condições climáticas adversas. Em sentido contrário, a segunda safra do grão foi favorecida pela precipitação pluviométrica adequada em importantes regiões produtoras.

A produção de feijão totalizou 3,2 milhões de toneladas. O recuo anual de 8,5%, evidenciando o impacto de adversidades climáticas nas duas safras da leguminosa, decorreu de retração de 16% na área colhida, mesmo diante do aumento de 9,5% na produtividade média.

Quadro 1.11 – Produção agrícola – Principais culturas

Milhões de toneladas

Produtos	2009	2010
Grãos	134,0	149,5
Caroço de algodão	1,8	1,8
Arroz (em casca)	12,6	11,3
Feijão	3,5	3,2
Milho	51,2	56,1
Soja	57,0	68,5
Trigo	5,0	6,0
Outros	2,9	2,7
Varição da safra de grãos (%)	- 8,2	11,6
Outras culturas		
Banana	7,2	7,1
Batata-inglesa	3,4	3,6
Cacau (amêndoas)	0,2	0,2
Café (beneficiado)	2,4	2,9
Cana-de-açúcar	689,9	729,6
Fumo (em folhas)	0,9	0,8
Laranja	18,3	19,1
Mandioca	26,0	24,8
Tomate	4,2	3,7

Fonte: IBGE

A produção de caroço de algodão herbáceo somou 1,8 milhão de toneladas, mesmo patamar registrado em 2009, reflexo de redução de 1,9% no rendimento médio e de elevação de 2% na área colhida.

A safra de trigo atingiu 6 milhões de toneladas, com a expansão anual de 20,1% refletindo as variações de -10,9% na área cultivada e de 34,8% na produtividade média.

Quadro 1.12 – Produção agrícola, área colhida e rendimento médio – Principais culturas

Produtos	Variação percentual					
	Produção		Área		Rendimento médio	
	2009	2010	2009	2010	2009	2010
Grãos	-8,2	11,6	0,4	-1,3	-8,6	13,1
Algodão (caroço)	-26,3	0,1	-24,1	2,0	-3,2	-1,9
Arroz (em casca)	4,2	-10,1	1,3	-6,3	3,2	-4,1
Feijão	1,8	-8,5	9,7	-16,0	4,2	8,8
Milho	-13,2	9,4	-4,5	-6,5	-8,9	17,1
Soja	-4,9	20,2	3,3	7,1	-6,9	12,3
Trigo	-15,7	20,1	2,9	-10,9	-20,0	34,8

Fonte: IBGE

A cultura de café, em ciclo bianual de alta produtividade, totalizou 2,9 milhões de toneladas. O crescimento anual de 17,6%, favorecido pelas condições climáticas adequadas na colheita dos grãos, decorreu de expansões respectivas de 1,2% e 16,2% na área colhida e na produtividade média. A safra de cana-de-açúcar atingiu 729,6 milhões de toneladas, ressaltando-se que o aumento anual de 5,7% resultou de retração de 1,1% na rentabilidade média e expansão de 6,9% na área cultivada.

Pecuária

De acordo com a Pesquisa Trimestral de Abate de Animais, divulgada pelo IBGE, as produções de carnes de aves, bovina e de suínos totalizaram, na ordem, 10,7 milhões, 7 milhões e 3,1 milhão de toneladas em 2010, registrando variações anuais respectivas de 7,6%, 4,7% e 5,1%. As exportações de carnes de aves, bovina e de suínos assinalaram variações anuais de 6%, 2,7% e -12,4%, respectivamente.

Política agrícola

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) divulgou, em junho, o Plano Agrícola e Pecuário (PAP) 2010/2011, que prevê recursos da ordem de R\$116 bilhões para o setor. Desse total, 7,9% superior ao disponibilizado no ano anterior, 86% foram destinados à agricultura empresarial e 14% à agricultura familiar.

No âmbito da agricultura comercial, R\$75,6 bilhões foram disponibilizados para custeio e comercialização, expansão anual de 14%, dos quais R\$60,7 bilhões a taxas de juros controlados, com crescimento de 12% em relação ao plano anterior, e R\$14,9 bilhões, a taxas de juros livres, com aumento anual de 24,2%.

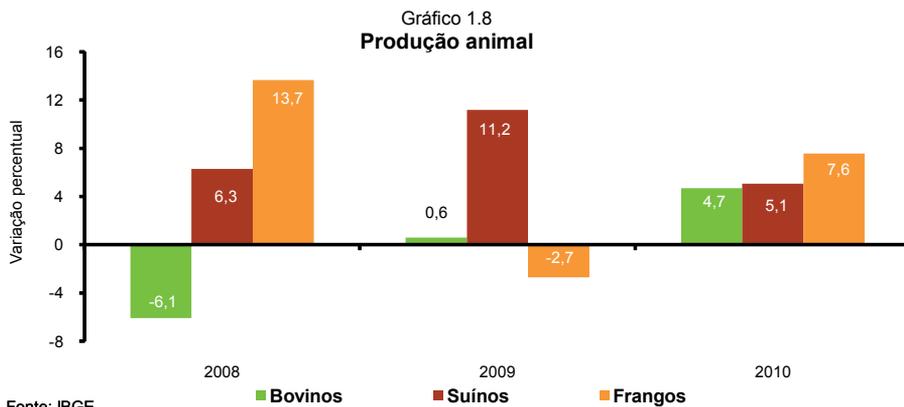
Quadro 1.13 – Estoque de grãos – Principais culturas

Mil toneladas

Produtos	2007/2008	2008/2009	2009/2010
Grãos			
Arroz (em casca)			
Início do ano	2 021,7	1 481,3	1 646,9
Final do ano	1 481,3	1 646,9	1 407,8
Feijão			
Início do ano	81,4	230,0	317,7
Final do ano	230,0	317,7	340,7
Milho			
Início do ano	2 540,7	11 312,8	11 405,0
Final do ano	11 312,8	11 405,0	11 173,1
Soja			
Início do ano	3 675,6	4 540,1	675,0
Final do ano	4 540,1	675,0	2 463,2
Trigo			
Início do ano	1 849,9	1 508,7	2 854,7
Final do ano	1 508,7	2 854,7	2 418,5

Fonte: Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

A disponibilidade de recursos para investimento totaliza R\$18 bilhões, com acréscimo anual de 29%. Desse total, R\$2,45 bilhões foram provenientes dos Fundos Constitucionais. No âmbito do Programa de Modernização da Frota de Tratores Agrícolas e Implementos Associados e Colheitadeiras (Moderfrota), estima-se a disponibilidade de R\$1 bilhão, com recuo de 50%, no ano, com prazo máximo de oito ou dez anos. Os recursos destinados ao Programa de Modernização da Agricultura e Conservação de Recursos Naturais (Moderagro) atingem R\$850 milhões, mesmo patamar dos dois planos anteriores, com limite máximo de crédito individual de R\$600 mil.



Os recursos direcionados ao Programa de Incentivo à Produção Sustentável do Agronegócio (Produsa) e ao Programa de Capitalização de Cooperativas Agropecuárias (Procap-Agro) totalizam, na ordem, R\$1 bilhão e R\$2 bilhões, representando contração anual de 33,3% no primeiro e estabilidade no segundo programa. Ressalte-se que, no âmbito do Procap-Agro, o limite individual de crédito atinge R\$50 mil e o prazo de pagamento, até seis anos, a juros de 6,75% a. a. e prazo de carência de dois anos.

As linhas especiais de crédito, criadas no plano anterior em resposta à crise financeira internacional, apresentaram decréscimo anual de 48%, atingindo R\$6,4 bilhões. Esses financiamentos são destinados às cooperativas, às agroindústrias, às indústrias de máquinas e equipamentos agrícolas e à estocagem de álcool.

Ainda no âmbito das principais medidas para a safra 2010/2011, destaca-se a criação do Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp), que objetiva prover condições mais favoráveis ao médio produtor rural. O total de recursos destinados a custeio e investimento atinge R\$5,65 bilhões e respeita limites individuais respectivos de R\$275 mil e R\$200 mil.

Produtividade

A produtividade do trabalho industrial, definida como a razão entre o índice de produção física do setor e o indicador do número de horas pagas ao pessoal ocupado assalariado na produção fabril, ambos divulgados pelo IBGE, cresceu 6,2% em 2010, ante variações respectivas de -1,9% e 1,1% nos dois anos anteriores. O aumento refletiu os avanços de 6% na produtividade da indústria de transformação e de 8,9% na indústria extrativa mineral. Dentre os setores pesquisados, os maiores acréscimos ocorreram nas atividades madeira, 21,9%; produtos de metal, exclusive máquinas e equipamentos, 14,5%; e máquinas e equipamentos, exclusive elétricos, eletrônicos, de precisão e de comunicações, 13,4%, contrastando com os decréscimos assinalados nas atividades têxtil, 2,3%; e de fumo, 1,9%.

A produtividade do trabalho industrial registrou aumento nas dez unidades federativas pesquisadas pelo IBGE, destacando-se os assinalados no Espírito Santo, 14,6%; em Minas Gerais, 11,7%; e no Paraná, 10,1%.

A produtividade média do setor agrícola, razão entre a produção de grãos e a área colhida, aumentou 13,1% no ano, resultado consistente com a expansão de 11,6% registrada, de acordo com a Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda), na produção nacional de fertilizantes agrícolas. As vendas de máquinas agrícolas no mercado interno aumentaram 24,3% no ano, de acordo com a Anfavea, registrando-se elevações de 26,9% nas vendas de tratores de rodas, de 22,7% nas relativas a colheitadeiras e de 2,8% nas associadas a cultivadores motorizados.

Energia

A produção de petróleo, incluindo LGN, cresceu 5,3% no ano, ante 6,9% em 2009, de acordo com a Agência Nacional de Petróleo (ANP). A produção média situou-se em 2,137 milhões de barris/dia (mbd), ante 2,029 mbd no ano anterior, registrando-se o maior patamar em dezembro, 2,271 mbd, e o menor em janeiro e setembro, 2,077 mbd. A produção de gás natural aumentou 8,5% em 2010, atingindo a média de 0,395 mbd.

O total de óleo processado nas refinarias cresceu 0,4% em 2010, atingindo 1,778 mbd. As importações de petróleo recuaram 9,6% no ano, atingindo 0,350 mbd, enquanto as exportações elevaram-se 20,1%, situando-se em 0,631 mbd.

O consumo de derivados de petróleo no mercado interno aumentou 11,4% em 2010, com ênfase nos avanços relativos a gasolina automotiva, 17,5%; querosene de aviação, 15,1%; óleo diesel, 11,2%; e gasolina de aviação, 11,3%. Em sentido oposto, foram registrados recuos no consumo de querosene iluminante, 5,9%; e óleo combustível, 2,0%. O consumo de álcool decresceu 3% no ano, registrando-se recuo de 8,6% nas vendas de álcool hidratado e elevação de 11,4% nas relativas a álcool anidro.

O consumo de energia elétrica aumentou 7,9% em 2010, de acordo com a Empresa de Pesquisa Energética (EPE), empresa pública federal vinculada ao Ministério de Minas e Energia (MME). Esse aumento decorreu das elevações registradas nos segmentos industrial, 10,9%; residencial, 6,4%; comercial, 5,8%; e outros, 4,6%, que inclui iluminação pública, serviços e poderes públicos e o setor rural.

O consumo de energia elétrica registrou expansões generalizadas nas cinco regiões geográficas do país, atingindo 8,9% no Sudeste, 8,8% no Nordeste, 7,7% no Norte, 6,1% no Sul e 5,5% no Centro-Oeste.

Quadro 1.14 – Consumo aparente de derivados de petróleo e álcool carburante

Média diária (1.000 b/d)

Discriminação	2008	2009	2010
Petróleo	1 485	1 481	1 651
Óleos combustíveis	89	86	84
Gasolina	324	328	392
Óleo diesel	769	763	848
Gás liquefeito	211	209	216
Demais derivados	91	95	109
Álcool carburante	336	393	381
Anidro	108	109	122
Hidratado	228	284	259

Fonte: ANP

Indicadores de emprego

O mercado de trabalho apresentou dinamismo acentuado em 2010. Nesse sentido, de acordo com a Pesquisa Mensal do Emprego (PME) do IBGE, que abrange as seis maiores regiões metropolitanas do país, a taxa média de desemprego atingiu 6,7% no ano, ante 8,1% em 2009, menor patamar da série histórica iniciada em 2002. O número de ocupados nas regiões abrangidas pela PME cresceu 3,5% em 2010, ante elevação de 0,7% no ano anterior, enquanto a PEA assinalou variações anuais respectivas de 2% e 0,9%.

A trajetória de formalização do mercado de trabalho continuou em 2010, registrando-se aumentos de 6,8% no número de empregados com carteira de trabalho assinada e de 1,3% no relativo àqueles que trabalham por conta própria e recuo de 1,7% no segmento de trabalhadores sem carteira assinada.

O desempenho favorável do mercado de trabalho é confirmado, em âmbito nacional, pelas estatísticas do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Em 2010, foram criados 2,1 milhões de empregos formais, saldo mais elevado da série, iniciada em 1985, e 63% superior à média dos cinco anos anteriores. O número de trabalhadores com carteira assinada aumentou 6,1%, com ênfase nas expansões assinaladas na construção civil, 13,6%; no comércio, 6,4%; e na indústria de transformação, 6,2%.

Quadro 1.15 – Consumo de energia elétrica^{1/}

GWh

Discriminação	2008	2009	2010
Total	392 804	388 676	419 573
Por setores			
Comercial	61 947	65 325	69 105
Residencial	94 719	100 751	107 166
Industrial	180 059	166 163	184 256
Outros	56 082	56 440	59 046

Fonte: EPE

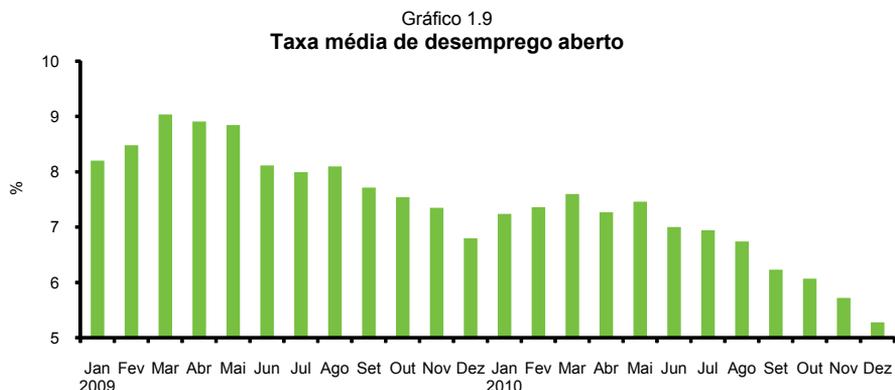
1/ Não inclui autoprodutores.

Indicadores de salários e rendimentos

O rendimento médio real habitualmente recebido pelos ocupados nas seis regiões metropolitanas abrangidas pela PME atingiu R\$1.515,10 em dezembro de 2010, elevando-se 3,2% em relação ao ano anterior. Ocorreram ganhos respectivos de 10% e 1,5% nos segmentos de trabalhadores sem carteira assinada e com carteira assinada. A massa salarial real, produto do rendimento médio real habitualmente recebido pelo número de ocupados, cresceu 7,4% no ano.

Indicadores de preços

A aceleração registrada nos índices de preços ao consumidor em 2010, em relação ao ano anterior, esteve influenciada, em especial, pelo comportamento dos preços livres, com ênfase nos aumentos nos segmentos alimentos e vestuário, e no âmbito dos serviços. A variação do IPCA atingiu 5,91% no ano, situando-se no intervalo estipulado como meta pelo CMN no âmbito do regime de metas para a inflação.



Fonte: IBGE

Índices gerais de preços

O Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI), calculado pela FGV, que agrega o Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA), o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) e o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC), com pesos respectivos de 60%, 30% e 10%, registrou variação anual de 11,30%, ante -1,43% em 2009.

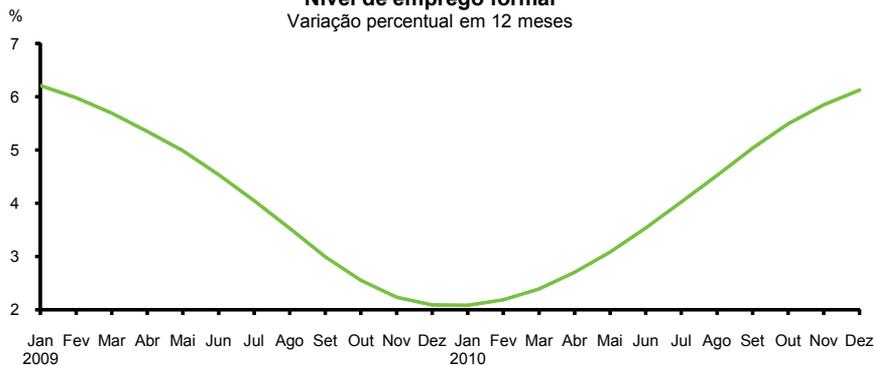
Quadro 1.16 – Emprego formal – Admissões líquidas

Em mil			
Discriminação	2008	2009	2010
Total	1 452,2	995,1	2 136,9
Por setores			
Indústria de transformação	178,7	10,9	485,0
Comércio	382,2	297,2	519,6
Serviços	648,3	500,2	864,3
Construção civil	197,9	177,2	254,2
Agropecuária	18,2	-13,6	-25,9
Serviços industriais de utilidade pública	8,0	5,0	17,9
Outros ^{1/}	19,0	18,3	22,0

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE)

1/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Gráfico 1.10
Nível de emprego formal
 Variação percentual em 12 meses



As variações anuais dos três componentes do IGP-DI registraram aumento em 2010. O IPA, evidenciando o comportamento dos preços no atacado, em resposta às elevações dos preços dos produtos industriais e dos agrícolas, variou 13,85% no ano, ante recuo de 4,08% em 2009, com os preços dos produtos industriais e dos agrícolas elevando-se 10,13% e 25,61%, respectivamente, ante -4,43% e -3,16%, em 2009. O IPC aumentou 6,24% e o INCC, 7,77%, ante, na mesma ordem, 3,95% e 3,25% em 2009.

Quadro 1.17 – Rendimento médio habitual das pessoas ocupadas – 2010

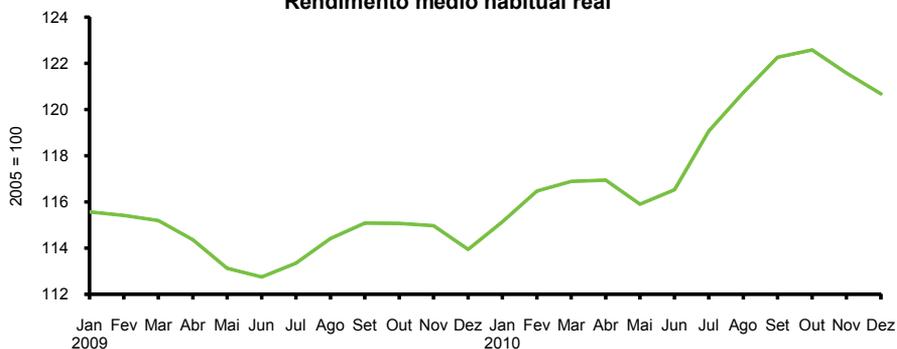
Variação percentual

Discriminação	Nominal	Real ^{1/}
Total	9,2	3,8
Posição na ocupação		
Com carteira	6,8	1,5
Sem carteira	15,8	10,0
Conta própria	8,6	3,3
Por setor		
Setor privado	8,6	3,3
Setor público	9,7	4,0

Fonte: IBGE

1/ Deflacionado pelo INPC. Abrange as regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

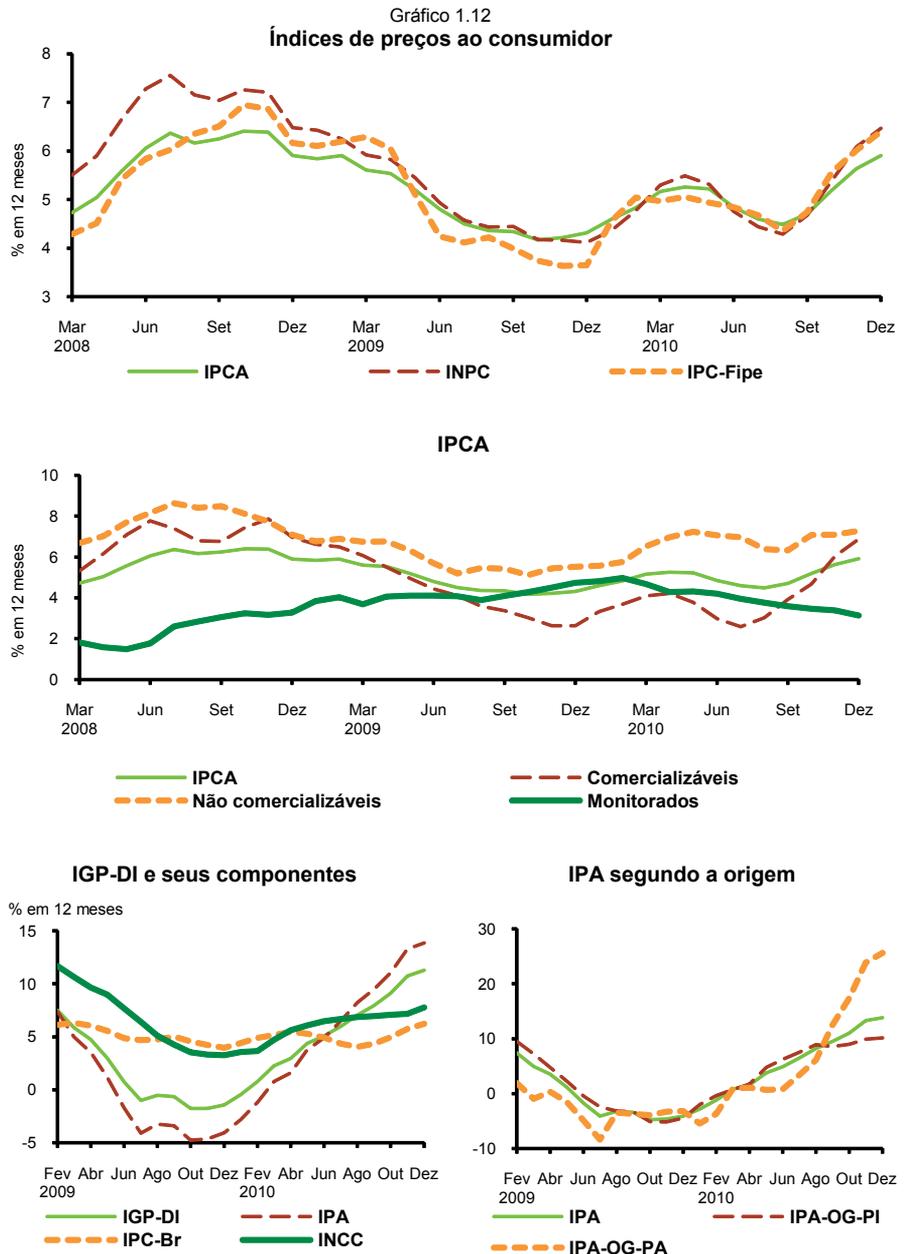
Gráfico 1.11
Rendimento médio habitual real



Fonte: IBGE

Índices de preços ao consumidor

A variação do IPCA, que considera a cesta de consumo de famílias com rendimento mensal entre um e quarenta salários mínimos, atingiu 5,91% em 2010, ante 4,31% no ano anterior e 5,90% em 2008, registrando-se aumentos de 3,13% nos preços dos bens e serviços monitorados⁴ e de 7,09% nos preços livres, ante 4,74% e 4,13%, respectivamente, em 2009.



4/ Entende-se por preços monitorados aqueles que são direta ou indiretamente determinados pelos governos federal, estadual ou municipal. Em alguns casos, os reajustes são estabelecidos por contratos entre produtores/fornecedores e as agências de regulação correspondentes, como nos casos de energia elétrica e de telefonia fixa.

A desaceleração nos preços monitorados, de 4,74% para 3,13%, evidenciou os menores aumentos, em relação ao ano anterior, nos preços do gás de bujão, da gasolina, das passagens aéreas, dos remédios e das tarifas de energia elétrica, da taxa de água e esgoto, do telefone fixo e do ônibus intermunicipal, enquanto a maior elevação nos preços livres, de 4,13% para 7,09%, refletiu o dinamismo da atividade econômica e o comportamento dos preços dos alimentos, em especial dos itens bovinos, leite e derivados, feijão, panificados, acúcares, aves e ovos e alimentação fora do domicílio.

A variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), calculado pelo IBGE, atingiu 6,47% no ano, ante 4,11% em 2009. Essa variação, superior à assinalada pelo IPCA, evidencia, especialmente, a maior participação, 30,64%, do grupo alimentação e bebidas no INPC, ante 23,31% no IPCA, tendo em vista que o primeiro considera a cesta de consumo de famílias com rendimento mensal de um a seis salários mínimos, para as quais o comprometimento da renda com gastos de alimentação é relativamente maior.

O IPC, calculado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe),⁵ também refletiu o ritmo da atividade econômica e a maior alta dos preços dos alimentos, crescendo 6,40% em 2010, ante 3,65% no ano anterior.

Preços monitorados

Os preços monitorados aumentaram 3,13% em 2010, respondendo por apenas 0,92 p.p. da variação total do IPCA no ano. As maiores variações ocorreram nos itens ônibus

Quadro 1.18 – Participação de itens no IPCA em 2010

Variação percentual

Itens	IPCA				
	Pesos ^{1/}	Variação acumulada em 2009	Variação acumulada em 2010	Contribuição acumulada em 2010	Participação no índice ^{2/}
IPCA	100.00	4.31	5.91	5.91	100.00
Alimentação fora do domicílio	7.93	7.75	9.82	0.78	13.18
Bovinos	2.24	-5.34	29.66	0.66	11.24
Empregado doméstico	3.47	8.74	11.81	0.41	6.93
Cursos	5.00	5.94	6.64	0.33	5.62
Leite e derivados	2.00	-0.45	11.42	0.23	3.87
Automóvel novo	2.43	-3.60	-1.04	-0.03	-0.43
TV, som e informática	0.57	0.29	-12.25	-0.07	-1.19
Alimentos <i>in natura</i>	1.97	13.55	-5.51	-0.11	-1.84

Fonte: IBGE

1/ Média de 2010.

2/ Corresponde à divisão da contribuição acumulada no ano pela variação anual.

5/ Para famílias com rendimento entre um e vinte salários mínimos na cidade de São Paulo.

Quadro 1.19 – Participação dos grupos no IPCA em 2010

Variação percentual

Grupos	IPCA				
	Pesos ^{1/}	Variação acumulada em 2009	Variação acumulada em 2010	Contribuição acumulada em 2010	Participação no índice ^{2/}
IPCA	100,00	4,31	5,91	5,91	100,00
Alimentação e bebidas	22,83	3,17	10,39	2,37	40,13
Habitação	13,24	5,68	4,98	0,66	11,16
Artigos de residência	4,17	3,05	3,51	0,15	2,48
Vestuário	6,73	6,11	7,51	0,51	8,55
Transportes	19,11	2,37	2,41	0,46	7,80
Saúde e cuidados pessoais	10,82	5,37	5,06	0,55	9,27
Despesas pessoais	10,29	8,03	7,37	0,76	12,83
Educação	7,20	6,11	6,21	0,45	7,57
Comunicação	5,62	1,07	0,86	0,05	0,82

Fonte: IBGE

1/ Média de 2010.

2/ Corresponde à divisão da contribuição acumulada no ano pela variação anual.

urbano, 7,53%; plano de saúde, 6,87%; correio, 6,35%; ônibus intermunicipal, 4,78%; taxa de água e esgoto, 3,38%; remédios, 3,36%; energia elétrica, 3,05%; e gasolina, 1,67%, enquanto, em sentido inverso, os itens emplacamento e licença e pedágio recuaram, na ordem, 9,53% e 5,82%.

Vale ressaltar que a elevação dos planos de saúde, oscilando de 5,10%, em Porto Alegre, a 7,17%, em Brasília, exerceram impacto de 0,24 p.p. sobre o IPCA, enquanto a elevação nas tarifas de ônibus urbano, destacando-se as registradas em São Paulo, 17,39%, e no Rio de Janeiro, 9,09%, contribuiu com 0,29 p.p. para a variação anual do indicador. A variação da tarifa de ônibus intermunicipal representou 0,06 p.p. do aumento do IPCA, registrando-se elevações mais acentuadas em Belém, 17,44% e em Salvador, 7,99%. Adicionalmente, o reajuste das tarifas de energia elétrica decorreu aumentos em nove das onze regiões abrangidas pelo IPCA, destacando-se os assinalados em Belém, 17,58%; Curitiba, 13,60%; e Salvador, 7,16%, contrastando com o recuo de 9,16% observado em Recife.

Núcleos

Repetindo o comportamento do índice cheio, as variações dos três índices de núcleos de inflação do IPCA calculados pelo Banco Central apresentaram aceleração em 2010.

O núcleo por médias aparadas com suavização cresceu 5,63% em 2010, ante 4,38% no ano anterior, enquanto o núcleo de dupla ponderação⁶ apresentou variações respectivas de 5,62% e 4,73%. A variação do núcleo por exclusão, que exclui as variações dos preços de dez itens⁷ do subgrupo alimentação no domicílio e dos itens combustíveis domésticos e veículos, atingiu 5,45%, ante 4,73% em 2009.

A variação do núcleo do IPC, calculado pela FGV pelo método de médias aparadas com suavização, passou de 3,70%, em 2009, para 5,18%, em 2010, situando-se em patamar inferior à elevação de 6,24% do IPC.

Quadro 1.20 – Principais itens na composição do IPCA em 2010

Variação percentual

Discriminação	IPCA			
	Pesos ^{1/}	Variação acumulada em 2009	Variação acumulada em 2010	Contribuição acumulada em 2010
Índice (A)	100,00	4,31	5,91	5,91
Preços livres	70,64	4,13	7,09	4,99
Preços monitorados	29,36	4,74	3,13	0,92
Itens monitorados – Selecionados				
Ônibus urbano	3,84	5,34	7,53	0,29
Plano de saúde	3,46	6,39	6,87	0,24
Energia elétrica	3,23	4,69	3,05	0,10
Remédios	2,85	5,85	3,36	0,10
Gasolina	4,01	2,06	1,67	0,07
Ônibus intermunicipal	1,20	6,19	4,78	0,06
Taxa de água e esgoto	1,62	4,94	3,38	0,05
Telefone fixo	3,28	0,91	0,82	0,03
Gás de butijão	1,20	13,74	2,10	0,03
Passagem aérea	0,33	31,89	3,15	0,01

Fonte: IBGE

1/ Média de 2010.

6/ Esse núcleo é calculado reponderando-se os pesos originais – baseados na importância de cada item para a cesta do IPCA – pelos respectivos graus de volatilidade relativa, resultando em menor representatividade para o comportamento dos componentes mais voláteis.

7/ Os dez itens são: tubérculos, raízes e legumes; cereais, leguminosas e oleaginosas; hortaliças e verduras; frutas; carnes; pescados; açúcares e derivados; leites e derivados; aves e ovos; e óleos e gorduras.

Quadro 1.21 – Preços ao consumidor e seus núcleos em 2010

Variação percentual

Discriminação	2009	2010		
		1º sem	2º sem	No ano
IPCA (cheio)	4,31	3,09	2,74	5,91
Exclusão	4,73	3,07	2,31	5,45
Médias aparadas com suavização	4,38	2,88	2,67	5,63
Dupla ponderação	4,73	2,78	2,76	5,62
IPC-Br	3,95	3,64	2,51	6,24
Núcleo IPC-Br	3,70	2,64	2,47	5,18

Fontes: IBGE e FGV